

A SALVAÇÃO DA ALMA COMO A RESTAURAÇÃO DO INTELLECTO E DO CORPO ATRAVÉS DE IGREJAS, ESCOLAS E HOSPITAIS

Raiane Kelly Farias de Jesus Ribeiro

Aluna do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Tiradentes

Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/Unit

Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/Unit/PPED/CNPq

E-mail: raiane.kelly@souunit.com.br

Vitória Reis de Oliveira Rezende

Aluna do curso de Nutrição da Universidade Tiradentes

Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/Unit.

Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/Unit/PPED/CNPq

E-mail: vitoriareoli16@gmail.com

Esse texto tem como foco principal analisar o trabalho protestante pioneiro do médico e pastor Robert Reid Kalley e a rede de relações que envolvia missionários da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUS)– pastores, professores, médicos e enfermeiras – que exerciam atividades religiosas e sociais, presentes no Brasil, a partir da década de 50 do século XIX. E, na perspectiva da História Cultural, este artigo insere-se na História da Educação, utilizando-se do referencial teórico-metodológico baseado em Max Weber (2002); A. Tocqueville (2001); E. Nascimento (2007); os quais oferecem as associações voluntárias como categoria de análise. Para tanto, foi feita a análise da ação de Kalley, membro da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira/BFBS, e de missionários presbiterianos norte-americanos, e, da leitura de parte da produção de Nascimento (2007, 2008, 2009), a qual reconhece que o objetivo da ação daqueles homens e mulheres era “civilizar” os brasileiros através da religião, da educação e da saúde.

O médico escocês Robert Reid Kalley, era um pastor visionário e muito independente. A sua principal estratégia para a implantação do Protestantismo foi se tornar um homem público através de sua relação com pessoas influentes e desse modo, garantir o sucesso da implantação da sua religião. Para isso, atuava como médico,



pastor, educador e escritor. Outros missionários seguiram essa estratégia para intervir na esfera religiosa e educacional e garantir a implantação do Protestantismo no Brasil.

Os missionários norte-americanos compunham a rede de relações da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUS) – pastores, professores, médicos e enfermeiras – eram em sua maioria pessoas com formação de nível superior e em algumas vezes tinham mais de uma titulação. Esses missionários chegaram ao Brasil com a missão de implantar o protestantismo através de atividades religiosas e sociais, a partir da década de 50 do século XIX. No entanto, eles ficaram surpresos com o descontrole e descaso relacionado às doenças infecto-contagiosas, pois mesmos com inúmeros casos de morte causadas pelas doenças da febre amarela e a doença de Chagas, a população não tinha orientação sobre higiene e não tão pouco médicos.

Dr. Robert Reid Kalley, precursor do protestantismo no Brasil

O projeto civilizador proposto pelo Reverendo Robert Reid Kalley e outros missionários presbiterianos norte-americanos envolvia uma tríade de ações: religião, educação e saúde. Sendo assim, ele publicava artigos de cunho religioso, oferecendo orações para as pessoas que estavam enfermas, mas também prestava serviço médico à população por meio da imprensa, orientando-a sobre as medidas preventivas para evitar as doenças que dizimavam a população durante as décadas de 50 e 70 no Brasil Oitocentista.

O Dr. Robert Reid Kalley, médico escocês, convidado pelo Reverendo James Cooley Fletcher, estabeleceu-se inicialmente no Rio de Janeiro, porém devido ao desconforto do hotel, mudou-se com sua esposa para Petrópolis. Kalley foi considerado pioneiro do Protestantismo e figura honrosa no que se refere à inserção da religião no Brasil durante o período de 1850 e 1860. Segundo Nascimento (2004, p. 73. 74),

A partir de 1855, a Igreja Congregacional se fez presente no Brasil quando o escocês Robert Reid Kalley, convidado pelo Reverendo James Cooley Fletcher, estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Cidadão escocês de origem inglesa que atuou no Brasil entre 1850 e 1860, Kalley foi um grande articulador político com forte ascendência junto ao Imperador, contribuiu para o estabelecimento do protestantismo. Uma de suas estratégias para driblar a legislação brasileira vigente sobre a questão da celebração de cultos protestantes na língua



portuguesa (Art. 6º da Constituição do Império), foi trazer portugueses calvinistas da Ilha da Madeira que moravam em Illinois e distribuí-los estrategicamente nas principais cidades brasileiras. O português Pedro Nolasco de Andrade, casado com a alemã Louise Chanrad, foi o primeiro colportor que tem notícia a chegar em Sergipe, em 1858 e que, provavelmente, também tenha trabalhado na Bahia.

Tanto o Dr. Kalley quanto outros missionários presbiterianos envolvidos com a missão evangelizadora, acreditavam que o povo brasileiro necessitava, primeiramente, ser educado para depois ser evangelizado. Afinal, como poderia ocorrer o contrário, se aquele povo não sabia ler? A partir desse paradoxo, surge uma das principais estratégias para a implantação do Protestantismo, civilizar uma sociedade por meio da salvação do espírito e do corpo, através dos seus preceitos religiosos.

Para tal conquista, foram necessárias ações para difundir e implantar o Protestantismo no Brasil, lideradas pelas sociedades bíblicas – inglesas (BFBS) e norte-americanas (ABS) – e seus integrantes, dentre eles, agentes, colportores, superintendentes, tesoureiros, os quais defendiam ideais semelhantes. Sendo assim, essas sociedades bíblicas podem ser compreendidas como associações voluntárias, pois segundo Weber (2002), elas são instituições não governamentais compostas por integrantes que defendem ideais semelhantes, objetivando alcançar um mesmo fim. Para Tocqueville (2000, v. 2, p. 136),

Dentre as leis que regem as sociedades humanas, há uma que parece mais precisa e clara do que todas as outras. Para que os homens permaneçam ou se tornem civilizados, é necessário que entre eles a arte de se associar se desenvolva e se aperfeiçoe na mesma proporção que a igualdade de condições cresce.

As associações voluntárias religiosas não estão relacionadas apenas às sociedades bíblicas, mas também às juntas de missões protestantes, com propósitos não somente da salvação da alma, como da restauração do intelecto e do corpo.

É importante destacar a associação voluntária Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (*British and Foreign Bible Society* - BFBS), fundada em 1804, na Inglaterra, que tinha como principal objetivo divulgar e propagar os ideais protestantes, através de impressos e da Bíblia. Os agentes ingleses eram as pessoas responsáveis pela



promoção da Bíblia no país em que se encontrassem, produzindo relatórios nos quais registravam as impressões culturais do país onde estivessem trabalhando.

Os cargos da esfera administrativa dessa sociedade eram determinados pela própria BFBS. Para o cargo de agente, era necessário possuir nível superior e estabelecer-se sempre em cidades que facilitassem a comunicação com a sede, localizada em Londres. Por conta disso, o agente Robert Reid Kalley fixou moradia na cidade de Petrópolis, onde iniciou seu trabalho para a propagação dos ideais protestantes. Porém, esse trabalho não teria êxito sem o apoio de sua esposa, seus colportores e, das pessoas influentes da sociedade brasileira que ele conquistou durante sua trajetória no país.

Segundo Nascimento (2007b, p. 93),

Até a década de 50 do século XIX, foram introduzidos no Brasil aproximadamente 4.000 impressos protestantes pelas sociedades bíblicas, através de seus agentes e colportores. O agente geralmente era um missionário, com nível superior, e representante da instituição no país. O *colporteur* - palavra originária do francês – era o mascate, vendedor ambulante que levava sua mercadoria numa caixa de pinho quadrada. No Brasil, a palavra *colporteur* adquiriu outro sentido, passando a significar o vendedor de Bíblias, Novos Testamentos e material impresso religioso, geralmente com formação escolar equivalente ao ensino primário. Tinha a missão de criar polêmica com as autoridades eclesiásticas locais através da imprensa e observar a cidade mais propícia para as futuras instalações de igrejas e escolas protestantes. Os colportores tinham por obrigação fazer um relatório diário, bastante minucioso para encaminhar semanalmente ao seu agente. Se o seu chefe estivesse fora do Brasil, os diários eram enviados semanalmente pelos Correios, de modo que o agente acompanhasse todo o movimento dos seus subordinados. Durante o século XIX, as sociedades bíblicas, juntamente com as missões protestantes estrangeiras distribuíram no país aproximadamente dez milhões de exemplares de Bíblias, folhetos, Novos Testamentos, estampas, sermões e livros evangélicos.

Os missionários presbiterianos norte-americanos no Brasil

Os missionários da Missão Brasil, vinculados à Missão Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUS), iniciaram suas atividades no país, a partir do ano de 1859. Essa organização protestante, no período de 1871 a 1971, enviou ao país pastores, professores, médicos e enfermeiras – que exerceram atividades religiosas e sociais.



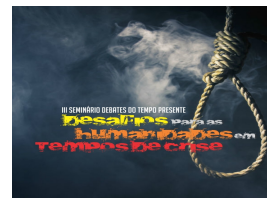
Segundo Nascimento (2007b, p. 30),

Através da Missão Brasil, como foi denominado inicialmente seu órgão de missões estrangeiras no país, a Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos agiu não somente no cenário religioso brasileiro, mas, principalmente no educacional, instalando uma rede de escolas no país, moldando almas, formando gerações de pessoas propagadoras do seu modelo educacional. Pela extensão territorial, em 1896, a Missão do Brasil dividiu-se em Missão Sul do Brasil, compreendendo os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina e em Missão Central do Brasil, incluindo Bahia, Sergipe, Goiás, Mato Grosso e Norte de Minas Gerais. Pelas dificuldades de comunicação e transporte no território baiano, as instituições organizadas nos três últimos Estados foram transferidas para a Missão Sul do Brasil. Em dezembro de 1932, foi estabelecido o novo Estatuto da Missão Central do Brasil que determinava seus limites nos Estados da Bahia e Norte de Minas Gerais, latitude 18 Sul e no Seminário Evangélico em Recife, Pernambuco. Seus membros eram todos aqueles que foram comissionados pela Junta para trabalharem nestes limites.

Diante do que foi descrito, é possível afirmar que os missionários não poderiam ignorar o fato da população não ser alfabetizada, caso contrário, certamente, a missão de implantar o protestantismo não teria êxito algum, como ressalta Nascimento (2007, p. 81),

a missão dos mensageiros de Deus era trazer a civilização a uma terra inóspita, árida, vazia, transformando as feições da região. A missão dos mensageiros de Deus era trazer a civilização a uma terra inóspita, árida, vazia, transformando as feições da região. Para os missionários, as dificuldades geográficas, climáticas e econômicas, as distinções sociais e culturais que existiam possibilitariam efetivar seu projeto civilizador para os trópicos brasileiros. Civilizar significava, para eles, oferecer àquela população a salvação do espírito, através dos seus preceitos religiosos, e do corpo, pela suas instituições nas áreas educacional e médica. Desse modo, a intervenção dos norte-americanos foi se estendendo a tudo o que se relacionava ao ordenamento urbano e ao bom funcionamento de um grupo social.

No decorrer deste trabalho podem surgir questionamentos relacionados ao interesse dos missionários norte-americanos pelo interior do Brasil, mais precisamente em Wagner- BA, visto que se tratava de regiões de difícil acesso. No entanto, eles enxergavam estas regiões como um campo importante para transformá-lo através da educação, saúde e religião. Esse interesse ou ação missionária em 1906, resultou no



projeto “Escolas Ponte Nova”, que mais tarde, foi ampliado para “Estação Missionária Ponte Nova”.

Segundo Nascimento (2009, p. 13),

Para os missionários, a formação do cidadão exigia uma soma de conhecimentos. Ancorado nos princípios da fé, da ciência e nas exigências da preparação para o trabalho, o projeto civilizador presbiteriano foi operacionalizado a partir da escola. Este articulava as idéias de uma educação integral compreendendo a educação religiosa, moral, intelectual e física e, para isso, seu programa de ensino era visto como um instrumento pelo qual o instituto Ponte Nova realizaria as finalidades atribuídas a ele. Enquanto a ciência preparava o futuro homem para a vida racional e para o trabalho- no magistério e na agricultura-, os preceitos religiosos o levariam a uma vida exemplar da retidão, humildade e desprendimento do mundo, voltada para os bons costumes e valores que dignificassem sua exigência.

O projeto “Escola Ponte Nova” era um complexo institucional que integrava religião e educação, organizando escolas secundárias rurais que disponibilizavam cursos primário e secundário, além do curso normal e preparatório de futuros pastores, esse complexo de acordo com os missionários norte-americanos, era a principal ferramenta para a salvação da alma. Já, o projeto “Estação Missionária Ponte Nova” foi o resultado da ampliação do projeto “Escolas Ponte Nova”, que funcionava dentro de uma fazenda na região da Chapada Diamantina e, além do colégio e da igreja, possuía um hospital ou um ambulatório, e uma escola de enfermagem, formadora de quadros para seus estabelecimentos de saúde.

Segundo Nascimento (2007, p. 61),

Em 1916, chegara à Estação Ponte Nova o médico e cirurgião Dr. Walter Welcome Wood com sua primeira esposa, a enfermeira Grace Brown Wood, para atuarem na estação missionária de Ponte Nova. Walter Welcome Wood nasceu em 8 de setembro de 1883, na Califórnia. Era médico-cirurgião, formado em 1915, pela Lelland Stanford University, Califórnia. O Dr. Wood chegou ao Brasil em 1916 e três anos depois, revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia, defendendo tese em Medicina Geral, Cirurgia, Obstetrícia e Oftalmologia. Foi o primeiro médico missionário da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos enviado para a América do Sul. Em 1922, fez especialização em medicina tropical, na London School of Tropical Medicine. Trabalhou na Missão até 1954.



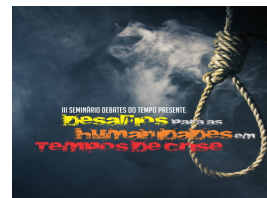
Logo que chegou, abriu um ambulatório e uma farmácia, construídas com adobe, 50 metros adiante da igreja. Quatro anos depois, a Junta de Nova Iorque deu-lhe permissão para comprar material e equipamentos hospitalares, construir o prédio do hospital, a casa do médico e duas casas para enfermeiras. Sob a direção do Dr. Wood, a Missão solicitou ao Departamento de Engenharia Sanitária do Mackenzie College planos para drenagem das terras de Ponte Nova, para deter a febre amarela e a malária que assolavam a região. Durante o ano de 1924, ainda com um equipamento inadequado do antigo hospital e dispensaria, Dr. Wood e da enfermeira missionária Lydia Hepperle, treinaram algumas alunas do Instituto Ponte Nova como enfermeiras para se juntarem ao seu staff. Dois anos depois, foram construídos os prédios definitivos do hospital, denominado Grace Memorial Hospital em homenagem à sua primeira esposa, falecida em Wagner, em 21 de junho de 1922. O primeiro hospital da região da Chapada Diamantina, oferecia os seguintes serviços, distribuídos em quatro pavilhões: clínica médica, cirurgia, obstetrícia, pediatria, ginecologia, urologia, Raio-X, diatermia e laboratório.

A Figura 1 mostra a Fazenda Ponte Nova, localizada no município de Wagner, Estado da Bahia, cortada pelo rio Utinga.

Figura 1 – Fazenda Ponte Nova, Wagner – BA.



Fonte: NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Educar, curar, salvar. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007.



Era um complexo institucional que envolvia uma tríade de ações: religião, educação e saúde. O sucesso desse complexo fez a Missão desenvolver o projeto “Escolas Ponte Nova”. Sendo assim, é possível reconhecer o quanto os missionários envolvidos com a Missão e as Escolas Ponte Nova foram importantes para a população daquela região que enfrentavam diversas dificuldades e para a implantação do protestantismo.

A Estação Missionária Ponte Nova contribuiu para a redução de problemas de saúde que dizimavam não somente os norte-americanos, mas também a população das regiões do interior do Brasil para assim, tratarem e enfrentarem as dificuldades e insalubridades da região foi construído o hospital. Segundo Nascimento (2008, p. 63),

O hospital possuía enfermarias masculina e feminina, apartamentos particulares, sala de parto e de cirurgia. Os banheiros, a lavanderia e a cozinha ficavam num prédio em separado. Havia também uma área destinada ao isolamento para doenças infecto-contagiosas. O gabinete médico-biométrico, instalado no Grace Memorial Hospital, possuía o seguinte aparelhamento: uma balança, aparelho para medir a estatura, outro para medir a pressão arterial, além de fichas médico-biométricas. Apesar de alguns trabalhos produzidos por ex-alunos da instituição afirmarem que a Escola de Enfermagem foi organizada em 1926, os livros de atas da Missão Central do Brasil registram sua organização em abril de 1931, sob a direção de Lydia Hepperle. No ano seguinte, a Missão inaugurou o pavilhão destinado à escola, ao lado do Hospital, oferecendo um curso de três anos, com aulas práticas e teóricas. Possuía uma boneca anatômica, e um esqueleto que as alunas chamaram “miss Cnase” e “Oscar”, respectivamente.

Ainda de acordo com Nascimento (2008, p. 64), em 1961, a Escola de Enfermagem Ponte Nova,

Em 1961, a Escola de Enfermagem recebeu o registro federal de funcionamento, passando a chamar-se Escola Auxiliar de Enfermagem Ponte Nova. Até a década de 1970, teve como diretoras as enfermeiras Ella Mary Dahmes Wood, Isaura Chagas, Beatriz Lenington, Rita P., Elle Sacks e Janeth Graham. O relatório informava que o curso fora dimensionado às necessidades locais com os seguintes objetivos: formar e educar moças brasileiras, formando enfermeiras disseminadoras do modelo higiênico e



sanitário presbiteriano norte-americano. Além de serem exemplos de vida saudável, as novas profissionais organizariam e dirigiriam ambulatórios clínicos em locais fora da Estação Missionária Ponte Nova, que não existissem médicos. Ensinariam princípios de higiene, alimentação e cuidado com as crianças, dando ênfase ao pré-natal. O curso de enfermagem era compreendido pela Missão como um ministério no qual, a instrução bíblica e a manutenção de serviços devocionais regulares estavam incluídas, formando enfermeiras missionárias.

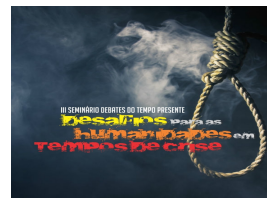
A Figura 2 mostra o Pavilhão Direito do Grace Memorial Hospital, onde funcionava a Escola de Enfermagem, cujo nome foi uma homenagem do médico e cirurgião Dr. Walter Welcome Wood para sua primeira esposa, Grace Brown Wood, falecida em Wagner, em 21 de junho de 1922. O hospital é distribuído em quatro pavilhões.

Figura 2 – Pavilhão Direito do Grace Memorial Hospital.



Fonte: NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Educar, curar, salvar. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007.

Durante a direção do médico e cirurgião Dr. Walter Welcome Wood,



o Grace Memorial Hospital foi o único núcleo hospitalar presente no interior da Bahia durante muitos anos, atraindo pacientes tanto da capital como de outros Estados. Os doentes vinham a pé, de mula, em carroças ou em pequenos carros e, muitas vezes, se convertiam, tornando-se membros da Igreja Ponte Nova. Uma prática recorrente no hospital era a leitura da Bíblia. Havia um exemplar na sala de espera e, às vezes, ficava uma pessoa lendo em voz alta alguns trechos, possibilitando os presentes ouvirem.

As principais moléstias tratadas ali eram pneumonia, malária, úlceras tropicais, sífilis, tuberculose, parasitas intestinais, e tumores. Muita superstição estava vinculada ao nascimento de crianças. Os hábitos alimentares presentes naquelas áreas rurais dificultavam as mães em nutrirem e criarem seus filhos, pois “muitas delas comiam carne ao invés de se alimentarem de vegetais e frutas”. A experiência vivenciada pelo Dr. Walter W. Wood na estação missionária levou-o a sugerir que os seminários teológicos no Brasil precisavam oferecer cursos simples, de medicina preventiva, higiene pessoal e sanitária, e dieta para que os futuros ministros estivessem preparados para enfrentar os problemas rurais de saúde (NASCIMENTO, 2008, p. 65).

Considerações finais

Esse texto espera ter contribuído para compreender melhor a ação de associações voluntárias protestantes presentes no Brasil Oitocentista, permitindo apreender as origens e algumas estratégias que membros da BFBS e missionários presbiterianos norte-americanos da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUS) – pastores, professores, médicos e enfermeiras – utilizaram para propagar e implantar o Protestantismo no país, através de suas igrejas, escolas e hospitais, a partir da década de 50 do século XIX.

Os missionários norte-americanos desde que chegaram ao Brasil tinham como princípio a implantação da sua religião, e viram no grande território a oportunidade do povo conhecer seus princípios a partir da civilização. A missão era uma sociedade voluntária, uma organização religiosa vinculada a um escritório administrativo - a junta. O objetivo da missão era fazer um hinterland brasileiro que englobasse educação, saúde e religião. Assim feito, essa missão produziu uma imagem de progresso e civilização para a região.



Referências

- CHARTHIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Brasil, Portugal e Inglaterra: circulação de impressos protestantes no Norte do Brasil. **Anais Eletrônicos do III Congresso Nordestino de Ciências da Religião**. Recife: UNICAP, 2016, p. 1-13.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas **Carvalho do**. Associações voluntárias, missões protestantes e a história da Educação. In: **Anais Eletrônicos da 32ª ANPED "Sociedade, cultura e educação: novas regulações?"** Caxambu: ANPED, 2009, p. 1-13.
- NASCIMENTO, Ester. **Fontes para a história da educação: Documentos da missão presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2008.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Sentimentos e Opiniões. V. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.